

Diversão & Arte

PRESENTES,

MÚLTIPLOS e

CONTUNDENTES

» NAHIMA MACIEL

Orindos de diferentes regiões e sempre egressos das margens da cena das artes plásticas nacionais, os 16 artistas de *Indomináveis presenças* propõem um exercício de deslocamento do olhar para um espaço no qual as questões decoloniais e etno-raciais são a base do pensamento. Em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e com curadoria de Luana Kayodê e Cíntia Guedes, a exposição reúne 114 obras que tratam de temas como amor, família, maternidade, paternidade, casamento, ancestralidade, gênero e a própria história do Brasil. "A exposição começa com essa ideia de trazer as individualidades, a multiplicidade da nossa comunidade melaninada. A curadoria começa na eleição de artistas que trabalham com temas voltados para a pele melaninada e a gente tem essa variação do colorismo que, no Brasil, vai do preto retinto até o índio", avisa Luana. "A camada a mais e que vem à frente é o corte LGBTQIA+: todos os artistas pertencem a essa comunidade. São artistas que trazem esses temas, mas a gente traz também esse lugar da brasilidade. É uma questão muito territorial de como esses corpos sobrevivem."

De acordo com a curadora, o colorismo no Brasil ainda precisa ser estudado e discutido para que haja um amadurecimento. Os brancos, ou não melaninados, como Luana gosta de falar, são minoria no país e há uma variação muito grande dos tons de pele. Segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 55,5% da população brasileira se declara preta ou parda. "A exposição fala dessas diferenças do tom de pele que traz essa diferenciação de território para que a gente possa, de fato, se posicionar e ser respeitado individualmente", diz Luana. Quando uma pessoa considerada não negra ou não indígena sai do território brasileiro e vai para outro lugar, lembra a artista, muitas vezes ela é vista e tratada como "pessoa melaninada". "No Brasil, tentam o tempo todo nos colocar em pacotes, nos perguntam se a gente se considera preto, branco, amarelo e dificilmente tem a opção indígena. Isso deixa as coisas em um lugar muito superficial, estamos longe de um letramento coletivo", lamenta.

É uma união de universos e vozes que orienta a proposta de *Indomináveis presenças*. São obras como a da baiana Mayara Ferrão, que reflete sobre a felicidade de casais de mulheres a partir da criação de imagens feitas com inteligência artificial, ou o também baiano Bernardo Conceição, que traz a série *Pelo direito de amar no Brasil do jeito que eu quero*, ou ainda os maranhenses Panamby, com criações que remetem a rituais, e Gê Viana, que faz do cotidiano do povo Anapuru um tema para falar da história afro-indígena. "A exposição é, antes de mais nada, uma celebração contestatória. A gente não pode deixar de lembrar que corpos pretos no Brasil morrem, então são várias camadas para essas pessoas estarem vivas aqui. E pessoas trans, no país, têm expectativa de vida de 35 anos. A maioria dos nossos artistas têm menos de 30 anos", explica a curadora. Conheça alguns dos artistas da exposição.

EXPOSIÇÃO NO CCBB
REÚNE 16 ARTISTAS
ENGAJADOS EM QUESTÕES
DECOLONIAIS E NO
UNIVERSO QUEER

MAYARA FERRÃO



MAYARA FERRÃO: O BEIJO 2

RAFA BQUEER

UYRA SODOMA:
LAMA 23

OYÁ IMAGENS DE
REVOLTA, POR RAFA
BQUEER



Paulo Evander

RAFA BQUEER

RAFA BQUEER CRIOU O
CASACO THEMÔNIA

EDGAR AZEVEDO

FOTO DE EDGAR AZEVEDO FAZ
PARTE DA EXPOSIÇÃO

BIXA TROPICAL

AMARELO NÃO, OBRA
DA BIXA TROPICAL**Bixa Tropical (BA)**

— Com pinturas muito coloridas que chama de *Quente e Ardente*, a Bixa Tropical, propõe narrativas ousadas que evocam a ancestralidade e um imaginário queer e dramático.

Edgar Azevedo (BA)

— O universo do fotógrafo baiano é vasto e tem a subjetividade negra como tema em torno do qual constrói imagens cheias de expressividade.

Rafa Bqueer (PA)

— As performances do artista trazem para a cena referências regionais que dão conta de um Brasil amazônico raramente presente na produção contemporânea.

Uyrá Sodoma (PA)

— indígena, artista, bióloga e educadora, indicada ao Prêmio Pipa 2022, a artista de etnia munduruku faz performances nas quais combina a luta pelos direitos LGBTQIAPN+ e da floresta amazônica.

Juh Almeida (BA)

— Fotógrafa e diretora de audiovisual, a artista já fez campanhas para marcas como Nike, Avon, Havaianas e Google, além de ser finalista do Prêmio Grande Otelo 2024.